

CIRCUNSTÂNCIA E TOMADA DE CONSCIÊNCIA: A CONSTITUIÇÃO DO SER HUMANO EM LEOPOLDO ZEA

CIRCUMSTANCE AND CONSCIENTIZATION: THE CONSTITUTION OF THE HUMAN BEING IN LEOPOLDO ZEA

Daniel Pansarelli¹

<https://orcid.org/0000-0003-0881-5493>

Vagner Nunes Pereira²

<https://orcid.org/0000-0002-1731-9603>

Resumo: O artigo parte de uma análise da relação entre filosofia e circunstância na obra de Leopoldo Zea, recuperando a influência de Ortega y Gasset sobre o autor, explicitando que ambas as categorias são orgânicas e simbióticas. Toda filosofia é produzida em alguma circunstância, mas, mais do que isso, toda filosofia é também parte constitutiva da própria circunstância em que é produzida. Passa-se, então, à construção de elementos de uma antropologia filosófica zeana, demonstrando que o ser humano, que necessariamente vive em alguma circunstância, é invariavelmente um ser humano mutável, tal como o é a própria circunstância da qual é parte. É na circunstância que ser humano e filosofia se realizam. No caso latino-americano, a circunstância histórica é de dominação e opressão, sendo essa a característica passada e presente mais comum ao nosso continente. Daí a necessidade de se buscar a construção de uma filosofia que tenha na tomada de consciência humana sobre a violência sofrida, a condição de libertação da circunstância e das pessoas no futuro.

Palavras-chave: Filosofia. Circunstância. Ser humano. Consciência.

Abstract: This article begins with an analysis of the relationship between philosophy and circumstance in the work of Leopoldo Zea, recovering the influence of Ortega y Gasset on the author and clarifying that both categories are organic and symbiotic. All philosophy is produced within some circumstance, but more than that, all philosophy is also a constitutive part of the very circumstance in which it is produced. Next, it proceeds to the construction of elements of a Zea philosophical anthropology, demonstrating that the human being, who necessarily lives within some circumstance, is invariably a mutable being, just as the very circumstance of which he is a part is mutable. It is in the circumstance that both, the human being and philosophy, are realized. In the Latin American case, the historical circumstance is one of domination and oppression, which is the most common past and present characteristic of our continent. There is a need to seek the construction of a philosophy that considers human conscientization of the violence suffered as the condition for the liberation of both: circumstance and people in the future.

Keywords: Philosophy. Circumstance. Human being. Awareness.

¹ Doutor em Educação pela USP. Professor no Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFABC. E-mail: daniel.pansarelli@ufabc.edu.br. Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1773685932524662>.

² Mestre e doutorando em Filosofia pela Universidade Federal do ABC – UFABC. E-mail: vagner.cons@gmail.com. Curriculum: <<http://lattes.cnpq.br/7486613260809204>>.

1 INTRODUÇÃO

Ainda nos momentos iniciais de sua formação, por meio de seu mestre, José Gaos, Leopoldo Zea recebe forte influência da concepção de *circunstância*, tão cara à filosofia de Ortega y Gasset. Desde o início de sua própria obra, Zea inclui a *circunstância* como de uma de suas categorias fundamentais, e, para além disso, no processo de assimilação que lhe era peculiar, introduz a ela fortes contornos latino-americanos.

É na circunstância latino-americana em que Zea produziu seu pensamento e é nesta mesma circunstância, redesenhada no tempo histórico presente, que nós nos encontramos. Trata-se de uma circunstância que é resultado de uma história de dominação passada, prevalente ainda no presente. Pode-se falar em uma espécie de unidade latino-americana, em função de sua circunstância comum de dominação. Portanto, construir uma filosofia da libertação é, necessariamente, construir uma filosofia desde essa circunstância, visando transformá-la. Ainda acompanhando Zea, isso só pode ocorrer por meio da tomada de consciência.

O tema fez parte da filosofia de Leopoldo Zea ao longo de décadas. No presente artigo, nós o abordaremos de forma peculiar, acompanhando parte relevante da vasta produção textual zeana, mas com um recorte próprio. Na primeira parte, explicitaremos como, para o autor, *filosofia e circunstância* se misturam. Não se trata apenas de compreender que *toda filosofia é produzida em alguma circunstância*, mas, antes, de reconhecer que *filosofia e circunstância se retroalimentam continuamente*. Em seguida, ainda mantendo em destaque a categoria filosófica da *circunstância*, esboçaremos partes de uma antropologia filosófica zeana: compreender o ser humano como um ser invariavelmente circunstancial e, daí, cravar sua condição ontológica de mutabilidade. Por fim, na parte final do texto, abordaremos a possibilidade – ou mesmo a condição – dessa mutabilidade ser convertida em conscientização, dadas as condições sócio-históricas peculiares do continente latino-americano.

2 CIRCUNSTÂNCIA E FILOSOFIA

Um dos mais importantes filósofos latino-americanos do século XX, Leopoldo Zea iniciou sua vida intelectual pesquisando o Positivismo na realidade mexicana³. Com a provocação de seu mestre José Gaos, por meio do qual recebeu forte influência de Ortega y Gasset, buscou compreender sua realidade, seu mundo conhecido, e o instrumento que utilizou

³ Em seu mestrado Zea pesquisou o positivismo no México, o que resultou na publicação do livro *El positivismo en México* (1943). Na sequência defende sua tese de doutorado com o tema *Apogeo y decadencia del positivismo en México*, que foi publicada em um livro de mesmo nome (1944). O conjunto dos estudos é publicado em um único volume em 1968, com o título *El positivismo en Mexico: nacimiento, apogeo y decadencia*.

foi o circunstancialismo orteguiano, em que a realidade é a vida efetivamente vivida. O *eu* não pode ser separado da realidade. A *circunstância* se tornou uma de suas principais categorias, orientadora de suas reflexões e construções posteriores. Tvzi Medin, estudioso da presença de Ortega na filosofia de Zea, registra:

Claro está que Zea lança mão do circunstancialismo perspectivista de Ortega e a seu historicismo, porém, ao circunstancializar o pensamento latino-americano e descobrir seu sentido, se chocará com uma circunstância muito diferente da espanhola, mas com a mesma problemática de identidade nacional, e esta também será abordada por ele, de modo diferente (Medin, 1998, p. 51).

Para Zea, não podemos descolar o ser humano⁴ de sua realidade, fonte de suas inquietações e consequentes reflexões. O mundo se apresenta ao humano como problema a ser resolvido. Na visão do filósofo mexicano, este ser humano “tropeça” na realidade que é seu tempo e lugar, sua circunstância que precisa ser admirada e carece de resposta para superação e continuidade da jornada vital.

Na afirmação de Ortega “eu sou eu e minha circunstância, se não a salvo não salvo a mim” (Ortega y Gasset, 1984, p. 23), está expressa a necessidade de reconhecimento da circunstância. Mais adiante, Ortega explica o sentido de “salvar” como “buscar o sentido do que nos rodeia” (Ortega y Gasset, 1984, p. 24). Em outras palavras, “salvar” na filosofia orteguiana, seria um esforço pessoal de busca de sentido do “eu” e da “circunstância”.

Para Zea, ao voltar seu olhar para a circunstância, o ser humano estará caminhando para a compreensão do mundo e das ideias que o circundam, tornando-o consciente de si, salvando, encontrando o sentido, tomando consciência de sua constituição humana. Nesse sentido, a circunstância traz à frente do sujeito a realidade, que não condiz com o ideal de vida abstrata ou vida alheia. A concretude da vida se dá na circunstância em que o ser humano se faz e é feito em relação dialética (com a própria circunstância). A colocação de Medin acerca do sujeito sob o olhar do circunstancialismo orteguiano é a de que:

Não se pode ter um eu a não ser em sua circunstância específica e, portanto, se rechaça o idealismo de um eu abstrato e geral, negando a possibilidade de existência do eu ontologicamente independente. Porém a circunstância não é outra, senão “minha circunstância”, a circunstância do sujeito concreto. Sujeito e objeto não têm sentido algum senão em sua íntima conexão, não uma conexão a posteriori de sua existência independente e separada, mas uma conexão que constitui a realidade radical e primeira: “minha vida”, diria posteriormente Ortega (Medin, 1998, p. 38).

⁴ Utilizamos o termo “ser humano” onde usualmente a obra zeana empregaria “homem”. Nas traduções livres de textos, da mesma forma, onde estiver a palavra “homem” significando espécie humana, este também será traduzido como “ser humano”.

Zea afirma que “a ideia nada mais é do que a forma de reação de um determinado ser humano frente a sua circunstância” (Zea, 2005, p. 20), assim, a filosofia nasce das tentativas, questionamentos, tropeços do ser humano em sua realidade, em um tempo e lugar – sua circunstância. E na relação entre circunstância e filosofia, é patente para Zea que a filosofia necessita de um elemento intuitivo, encontrado na história: “A história não é possível sem um elemento, sem um conceito; como tampouco é possível a filosofia sem um elemento intuitivo, histórico. Em outras palavras, a história não é possível sem a filosofia, nem a filosofia sem a história” (Zea, 2005, p. 21).

Assim, a relação com a história para a construção das ideias sobre a realidade é, na filosofia zeana, indissociável, conforme afirma:

Toda Filosofia é obra de um ser humano e como tal se realiza em um determinado tempo e lugar, sendo a razão de sua condição histórica. Toda filosofia tem sua verdade em sua adequação com a realidade, que não é permanente, é histórica. Quando a história muda, necessariamente tem que mudar a filosofia, posto que esta não pode ser senão filosofia de uma realidade e esta realidade é histórica (Zea, 2005, p. 21).

Sendo a própria realidade circunstancial, a construção filosófica se dará dialeticamente. É na circunstância que os seres humanos se colocam, ou são colocados, diante de problemas que carecem de respostas, de sentido. Nesse particular, as respostas encontradas são verdades absolutas daquela circunstância, ou seja, são verdades circunstanciais. Pensando dessa forma, a ideia de verdade universal encontra uma limitação. É o que observa Altmann:

A filosofia de Ortega y Gasset sustentava [...] a ideia do caráter circunstancialista ou perspectivista da filosofia em geral. Inexistiria assim, uma verdade filosófica, objetiva, universal, mas, cada filosofia expressaria sua situação histórica e social, expressaria a circunstância vital na qual ela, filosofia, seria gestada e teria sua existência concreta, real, logo após (Altmann, 2003, p. 4).

Ofélia Marcondes, analisando a questão da circunstância em Zea, escreve que esta “é a maneira de interpretar o mundo e as ideias” (Marcondes, 2010, p. 38), contudo, é fator limitador pois demarca tempo e espaço, época e local para onde a atenção é direcionada. Olhar o mundo tendo a circunstância como lente clareia a visão do real ao mesmo tempo em que “nos encarcera no limite do que é temporal” (Marcondes, 2010, p. 38).

Caminhando com o entendimento de que toda verdade é circunstancial, o que significa dizer que está sujeita a uma sociedade, em um dado tempo e lugar, sendo verdade absoluta apenas para esta circunstância⁵, Zea afirma que a “pretensão de se fazer de uma verdade

⁵ Aqui não se trata de um relativismo. A noção de verdade circunstancial está ligada à ideia própria de uma filosofia universal, em que a universalidade é o que permite construir respostas diferentes, em tempos e lugares diferentes,

circunstancial, uma verdade eterna, dá lugar às contradições” (Zea, 2005, p. 23). A tentativa de compreender a realidade, fazendo uso de sistemas filosóficos desconsiderando a circunstância de seu surgimento, e sem um olhar sobre a circunstância em que será usado como instrumento, só poderá gerar *más cópias*, “fazendo interpretações equivocadas de conceitos filosóficos presentes neste dado sistema” (Marcondes, 2010, p. 38). A busca ou aceitação de uma verdade universal, imutável, deixa de considerar a circunstância e, junto desta, o ser humano que elaborou esta verdade. Assim, a construção da filosofia, diferente do que acreditam os que falam de uma verdade universal, invalidando outras formas e construções de pensamento, dá-se em uma época e/ou lugar, circunscrito em uma realidade. Isso quer dizer que culturas distintas produzirão verdades distintas, circunstancializadas.

O olhar do pesquisador da história das ideias, relativista ou perspectivista, pode conduzir à falsa impressão de contradição, entretanto, o que ocorre, é a apropriação, adaptação, atualização e criação do pensamento⁶. Novamente, nos termos de Marcondes:

Toma-se, então, como verdade, que toda verdade serve apenas para uma época e/ou lugar, ela é sempre circunscrita em uma dada realidade. Inserir a ideia de circunstância na base da filosofia com relação a ideia de verdade é dizer que toda verdade é histórica, portanto suscetível a mudança. Segundo Zea, toda verdade é circunstancial. [...] Muitas vezes, a ideia de um filósofo se opõe frontalmente às ideias de seu antecessor. O antropocentrismo foi oposição ao teocentrismo, por exemplo. [...] Assim, o que surge não é contradição, mas diferentes soluções em diferentes épocas, para os problemas que parecem semelhantes (Marcondes, 2010, p. 39).

No pensamento zeano, compreendendo a circunstância em que se deu a construção de uma filosofia, chegaremos à compreensão do próprio ser humano pois, como já afirmado, não é possível separar o *eu* da circunstância. Dessa forma, as várias filosofias, ou sistemas filosóficos, falam não apenas das resoluções dadas a uma determinada circunstância, mas versam também acerca do humano inserido nessa circunstância e sua peculiar forma de ser, em seu tempo e lugar histórico. Por isso, as construções elaboradas como respostas a uma circunstância, e a adoção das mesmas (construções) em outra (circunstância), sem a devida apropriação descrita por Zea, mas como *má cópia*, produziram formas de relação com a realidade condizentes com processos de dominação e alienação.

com o mesmo referencial filosófico, apropriando-se desse referencial e constituindo-o como ferramenta, não como verdade dada, estática, absoluta e, assim, universal.

⁶ Para Zea uma filosofia não é original por “novos e estranhos sistemas, em novas e exóticas soluções, mas por que trata de dar respostas que uma determinada realidade, num determinado tempo, originou” (Zea, 2010, p. 27). Por isso, “a assimilação crítica, a proposição original e a adaptação ou criação autêntica (sempre nos termos de Zea) são instrumentos aos filósofos de nosso continente” (Pansarelli, 2013, p. 141). Dessa forma, a filosofia construída em outras realidades e/ou tempo, em outras circunstâncias, podem ser apropriadas, instrumentalizadas, de forma a contribuir para as respostas em circunstâncias distintas.

Verdades sendo afirmadas, verdades negadas, em um movimento dialético na construção do próprio ser humano e seu mundo, buscando e criando o sentido dos mesmos. “A diversidade de sentidos tem sua explicação em fatos históricos, nas diversas formas de vida dos sujeitos envolvidos em tais conceitos” (Zea, 1997, p. 31). Segundo Zea, a compreensão do ser humano inicia com a compreensão das circunstâncias.

A análise de Zea leva à afirmação da impossibilidade dissociativa da circunstância e do quefazer filosófico, pois é no diálogo com a circunstância que a filosofia se origina. Segundo o filósofo mexicano:

O pensamento não existe senão como um diálogo com a circunstância. O ser humano, quando filosofa, se dirige à sua circunstância e lhe pede que diga, em [linguagem] *humana* o que ela é. As fórmulas filosóficas, os métodos, os filosofemas não são outra coisa senão a expressão verbal, quer dizer, humana, de como o ser humano entra em relação com sua circunstância, dialoga com ela (Zea, 2005, p. 20, grifos do Autor).

Assim, Zea estabelece o objetivo de sua reflexão: “investigar aqueles temas que têm formado nossa circunstância histórica” (Zea, 2005, p. 10) e, compreendendo a circunstância, chegar a compreensão do ser humano, pois “a interpretação das ideias filosóficas é a via de acesso para interpretar o ser humano” (Zea, 2005, p. 24). Passemos, então, a uma das possíveis interpretações desse humano.

3 SER HUMANO COMO SER MUTÁVEL

Zea constrói uma filosofia que parte inevitavelmente do único ser humano possível, o ser humano concreto, de carne e osso, que dialoga com sua circunstância, sendo protagonista da história da qual é ao mesmo tempo construtor e constructo. Trata-se de uma perspectiva distinta daquela mais usualmente praticada na tradição europeia, que olhou o ser particular, sua humanidade, dali abstraindo a humanidade dos outros. Segundo o filósofo mexicano “toda filosofia é obra de um ser humano e como tal se realiza em um determinado tempo e lugar, sendo esta a razão de sua condição histórica” (Zea, 2005, p. 21). E, indo além, dirá que “todo ser humano há de ser centro e, como tal, expandir-se através da compreensão de outros seres humanos” (Zea, 2005, p. 55), sendo este ser humano “um ente histórico, ou seja, um ente cuja essência é a mudança” (Zea, 1945, p. 25). Marcondes elucida esta visão quando afirma que

para Leopoldo Zea, o homem é pessoa concreta, de carne e osso, que está inserido em suas circunstâncias, com as quais dialoga dialeticamente, transformando-as ao mesmo tempo que é transformado por elas. As circunstâncias constituem sua situação vital, nas quais manifesta sua concretude e expressa sua liberdade. O homem é concebido como um ente histórico, portanto mutável, que participa da tripla dimensão temporal: passado-presente-futuro e constrói a história à medida que enfrenta os

problemas apresentados pelas circunstâncias (Marcondes, 2010, p. 34).

O ser humano, construído *da* e *na* relação dialética com o mundo, e assim com outros seres humanos, tem como essência a mudança, pelo que foi, é e pode vir a tornar-se. Trata-se de um ser histórico que constrói-se continuamente em sua relação inevitável com a circunstância, respondendo aos problemas ou na tentativa de modificá-la, mas sempre numa relação de ação concreta com a realidade. Para Zea, este entendimento torna-se importante na tentativa de compreender a diversidade e contradições na história das ideias que levam o próprio ser humano a viver situações alheias, inclusive ao seu modo de ser, que seria de igual entre iguais, não de subordinação e subserviência, por exemplo.

Verdades são substituídas no percurso da história, mas sempre trazidas como eternas e absolutas, conforme o espaço em que ocorrem e são construídas: suas circunstâncias. Neste processo inicial, de construção de verdades, o Homem⁷ por excelência é aquele tratado por filósofos europeus, usado como o modelo ideal a ser seguido, para definir e qualificar todos os outros humanos, concedendo-lhes ou não o direito à humanidade. Na leitura de Zea, que parte da controvérsia entre Las Casas e Sepúlveda, essa diferenciação toma proporções globais quando

Sepúlveda nega a essência humana dos americanos em nome de um cristianismo baseado na filosofia Aristotélica, mas não fizeram menos os filósofos que enfrentam a escolástica e falam do progresso e da ciência positiva. Buffon, de Pauw e mesmo Hegel, cume da nova filosofia, mantém a quarentena sobre os humanos desta América, estendendo aos supostos humanos de outros continentes, Ásia, África, Oceania, isto é, até onde chegou o poder do humano que se considera Homem por excelência e exige, em nome dessa crença, a justificativa de humanidade de outros humanos. [...] Por um lado homens Homens, por outro subhumanos, apenas aspirantes a Homens (Zea, 2010, p. 13)

Segundo Zea, trata-se de uma forma de dominação,

que se realiza em nome de valores que acreditam que deveriam valer para todos os humanos. O Ocidente fez expressa uma filosofia que, para seus objetivos, se apresenta como universal. Uma filosofia que fala e atua em nome do Homem, em nome da Humanidade. Claro, este Homem parece não ter outra personificação, senão aquele que o engrandece. Porém, ao engrandecê-lo faz, também, possível a consciência que, de sua própria humanidade, tomaram outros humanos, aqueles que são objeto de apropriação do suposto Homem (Zea, 2010, p. 38).

⁷ Zea faz uso do termo “Homem” (com “H”) para representar a visão eurocêntrica em contrapartida do “homem” (com “h”) universal, concreto, ser humano de carne e osso. Ele usa os termos “Homem por excelência” e “Homem arquétipo” quando comenta a criação abstrata de ser humano que toma como modelo ideal o homem europeu. Nesse sentido, mantivemos a grafia de “homem” pois era essa a construção que havia na filosofia europeia moderna, o modelo ideal era o de homem europeu, não cabendo a imagem feminina ou outras diversas.

Verdades foram e são alteradas em toda história, em cada lugar onde ocorram as relações entre humanos, sendo que a única verdade a permanecer imutável é a que explica a mudança: o ser humano é um ser mutável. O ser humano como ser histórico expressa sua individualidade, sua singularidade, por meio de suas ações, na convivência com outros humanos seus semelhantes. Nas palavras de Zea:

O ser humano é *convivência*, convive com outros indivíduos que lhe são semelhantes. O que é próprio do ser humano, o que forma sua individualidade, *sua própria vida*, é a forma como convive, a forma como aproveita a vida dos demais, a forma como aproveita as experiências históricas (Zea, 1948, p. 113, grifos do Autor).

A consciência, própria do ser humano, torna possível a convivência. No latim *conscientia* significa cumplicidade, ou seja, participação de uns com os outros pressupondo um saber comum em que os indivíduos possam reconhecer-se mutuamente. Nesta convivência, o ser humano concreto, notadamente o latino-americano, o asiático e africano, precisa afirmar seu direito à humanidade para que possam gozar do convívio igualitário com o Homem, lutando para “fazer patente sua identidade; não para se separarem dos outros seres humanos, mas para participarem com eles, como seus iguais” (Zea, 1990, p. 245). A ideia de consciência é sempre de consciência histórica, não consciência individual. Segundo Zea,

o ser humano simplesmente vai tomando consciência de sua humanidade ao mesmo tempo em que toma consciência dos demais seres humanos. O humano não é o que separa ou distingue, mas o que faz semelhante. Semelhança que não depende de acidentalidades como a cor da pele, a classe social, o sexo, a educação ou cultura que se tem. O humano se dá precisamente nesta capacidade de compreensão que lima as diferenças e torna possível a convivência. [...] Esta consciência se dá através de uma série de lutas do ser humano contra si mesmo para tomar consciência de si e dos outros. [...] Isto é, simplesmente o humano, a humanidade concreta. (Zea, 1952, p. 195).

Importante notar este processo de contínua construção histórica do ser humano pois, em cada época, em cada lugar, conforme as situações reais que lhe são postas, esse ser humano igualmente concreto buscará respostas que deem conta da realidade, da qual não é e não pode ser dissociado. Neste processo histórico, no qual o questionar deveria ser constante, o ser humano vai se construindo, modificando, identificando, transformando a si e sua realidade.

Em uma clara alusão ao *cogito* cartesiano, quando escreveu que “trata-se de um Eu que existe e não um Eu que pensa; um Eu que faz parte de um mundo. Eu e mundo não podem se separar, se completam. A história é parte essencial deste Eu existente no mundo” (Zea, 1948, p. 197), o filósofo mexicano fala de algo além do pensamento que qualificaria o ser humano, sua circunstância, reafirmando a concretude deste em sua relação inseparável com o mundo em

que a história acontece, sendo esta a relação dialética que o formará constantemente em sua tríplice dimensão temporal (passado-presente-futuro). É aí que reside também a “diversidade de como os homens resolvem seus problemas” (Marcondes, 2010, p. 35). Sobre a diversidade que constitui o ser humano, temos as palavras de Zea:

nessa diversidade de formas de viver a história do ser humano concreto, isto é, do ser humano que faz parte de uma determinada sociedade ou grupo, do ser humano que tem recebido uma determinada educação em lugar de outra (Zea, 1976, p. 17).

Nessa diversidade de seres humanos e grupos reside toda a possibilidade enriquecedora de dar respostas aos problemas das circunstâncias. O julgamento da ação parte de sua interpretação da história, seja buscando no passado, seja criando novas possibilidades no presente. E nessa relação com a circunstância, o futuro será a contribuição do ser humano do presente, assim como houve a contribuição feita pelo ser humano do passado ao nosso presente, ao lançarem-se em sua circunstância construindo sua realidade, pois somente esse ser humano pode

se construir a si mesmo, só dele depende o que faz de sua vida, só ele pode alcançar as metas que almeja, só ele pode ser o que é, nada externo a ele tornará marginal seu ser.

A primeira preocupação do ser humano é ele mesmo e a partir de tal reconhecimento é quando forja o mundo que o rodeia (Nova, 2003, p. 143).

Nesta construção histórica do ser humano, Zea chama a atenção para o fato de que:

Temos de ser responsáveis por nossas atitudes, porque com elas não apenas comprometemos nossa existência, mas também comprometemos a existência de outros. Assim como os outros nos comprometem com suas atitudes, nós os comprometemos com a nossa. Em cada instante, em cada momento, temos de tomar uma determinada ação; porém ao assumi-la, ao mesmo tempo que nos comprometemos, comprometemos aos nossos semelhantes. Em cada uma de nossas ações julgamos a existência (Zea, 1952, p. 13).

Leopoldo Zea tem a proposta de analisar o ser humano latino-americano considerando suas diversas nacionalidades, como expressões concretas, através da história das ideias e da cultura, trabalho iniciado logo após a obtenção de seu doutorado, situando-o no conjunto da humanidade partindo de seu reconhecimento como ser humano concreto⁸. Nas palavras de Zea:

o latino-americano, em qualquer de suas expressões concretas, não é senão, pura e simplesmente, um ser humano concreto, em situação, como qualquer

⁸ Por intermédio de Alfonso Reys, que argumentou ao então presidente da Fundação Rockfeller e professor da Universidade de Harvard, Willian Berrien, que o livro de Rex Crawford, *Century of Latinoamerican Thought* (1944), tinha uma visão equivocada e que teria um jovem que poderia produzir uma obra melhor, Zea recebe uma bolsa da Fundação Rockfeller com o intuito de pesquisar e produzir essa obra sobre o pensamento latino-americano. Com a concessão da bolsa, o jovem filósofo realiza pesquisas durante um semestre nos Estados Unidos e um ano de viagem pela América Latina, acumulando material para seu trabalho. Esta pesquisa *in loco* gerou o livro *Dos etapas del pensamiento en Hispanoamerica. Del romanismo al positivismo*.

outro ser humano no mundo. É esta situação a que o determina e o concretiza, a que o faz ser um ser humano concreto e não uma abstração (Zea, 1976, p. 442).

Defende, ainda, que “são seres humanos. Seres humanos concretos, como todos os seres humanos, sempre em situação igualmente concreta; com um corpo e um modo de ser concretos” (Zea, 1990, p. 251), que se constituem em sua ação no mundo, condicionados por sua circunstância, sendo a ação também parte da expressão concreta do ser humano. Nesta relação “homem e situação concreta não existem isoladamente, portanto não são abstrações, mas uma relação intrínseca e dependente, dialética” (Marcondes, 2010, p. 35).

Como expressão concreta, a ação autêntica não será aquela de imitação do que lhe é alheio, estranho, alienado-alienante, senão uma postura ante a realidade que, no já citado movimento dialético, será transformado e transformará esse ser humano que dialoga com sua circunstância. Corroborando com nossa afirmação, Zea dirá que:

A ação do ser humano americano, qualquer que seja, se é autêntica, se não pretende unicamente imitar ações que lhe são alheias, estranhas, ou que se sinta herdeiro delas, será, pura e simplesmente, uma ação humana. A ação de um ser humano frente a uma realidade que não tem o porquê de ser considerada inferior ou superior a outra (Zea, 1971, p. 46).

Não havendo ser humano que dá sentido ao mundo, não há mundo. Esse mundo circunstancial e concreto que é expressado pela linguagem, que lhe atribui sentido. Para Zea, os humanos quem atribuem o sentido à realidade e, nesse particular ao próprio ser humano, em sua tomada de consciência, que se reconhece na relação com o outro, na convivência, como outra face da ação humana. Sobre isto Zea nos diz:

Agora, ao se falar de tomada de consciência, dá-se a esta palavra, nos parece, um sentido abstrato. Porém, ao contrário, com esta palavra faz-se referência a uma série de ações concretas, a uma realidade viva e plena, tanto como o é a existência humana no mais autêntico de seus sentidos, a convivência humana. Existir é conviver, isto é, viver com os outros (Zea, 1972, p. 58).

Em outras palavras, este mundo concreto é também um mundo de linguagem, onde a atribuição de sentido vai para além dos objetos, chegando ao outro, ou seja, a existência do ser humano é atribuída por outro ser humano. Nesta dialética de sentidos, em que as verdades são substituídas, o ser humano se reconhece como tal, reconhecendo no outro sua semelhança, a humanidade. Para Zea:

Temos de ser responsáveis pelas nossas ações, porque com elas não apenas comprometemos nossa existência, mas também comprometemos a existência de outros. Assim como os outros nos comprometem com suas ações, nós os comprometemos com as nossas. Em cada instante, em cada momento, temos que assumir uma determinada atitude, porém, ao assumi-la, ao mesmo tempo que nos comprometemos, comprometemos a nossos semelhantes. Em cada

uma de nossas ações julgamos a existência, como também julgamos a existência do outro. E, por sua vez, este, ao julgar sua existência, julga a nossa. Aqui está nossa responsabilidade. Temos de responder por nós e pelo outro, em uma cadeia inevitável, indeterminada, da existência humana (Zea, 1952, p. 13).

Para Zea, é nessa cadeia inevitável e indeterminada que os seres humanos se igualam, se distinguem e se reconhecem, partindo do que é comum a todos: sua peculiaridade. Na filosofia zeana todo ser humano é peculiar, sendo a peculiaridade humana o que leva Zea a afirmar a igualdade na diferença e a rechaçar a universalidade usada para justificar a dominação. Sendo todos os humanos caracterizados por sua peculiaridade, não existe sustentação para a dominação, não existindo razão para que uns sejam, ou se julguem, superiores a outros.

O que nos diferencia, nos unifica, justamente pois o que é comum a todos os seres humanos é o fato de serem “pura e simplesmente seres humanos. Pois é nisto que se deve insistir, o ser humano concreto, [...] que não tem por que ser nem mais e nem menos que o resto da humanidade” (Zea, 1974, p. 41). É o reconhecimento da peculiaridade entre os seres humanos o que possibilita o estabelecimento de relações livres.

Contudo, a despeito da construção zeana, o que se observa na realidade histórica é justamente o oposto: a utilização do que é peculiar como elemento de dominação, subjugamento e escravidão. Percebemos isso nas mais sutis formas de subjugar, com discursos que conduzem o oprimido a querer ser opressor, mesmo sem o perceber, uma inversão no sentido de “relações livres”. Infelizmente é a peculiaridade que deveria ser elemento de equidade onde tem residido a desigualdade extrema.

4 TOMADA DE CONSCIÊNCIA

A história da América é forjada a partir de um passado de dependência que se estende por toda sua formação, processo iniciado com os projetos colonizadores da Europa chegando à contemporaneidade com as políticas neo-colonizadoras estadunidenses.⁹

Na Modernidade houve uma mudança substancial na forma de pensar e ver o mundo, em que o Homem passa a ser o autor de sua própria história, momento da Reforma, a partir da qual a Igreja já não é mais intermediária entre Deus e o Homem. Nesse período, René Descartes será o filósofo que fará consciente a Europa de sua própria identidade, ao

⁹ Para Leopoldo Zea, o processo civilizatório e de dominação iniciado na Europa tem sua expressão e continuidade na América pelos Estados Unidos da América. Em duas passagens da obra *Filosofia sin más* encontramos esta visão zeana ao afirmar: “Civilização é Europa e sua expressão na América, os Estados Unidos da América” (Zea, 2010, p. 16) ou ao dizer que “Europa Ocidental e Estados Unidos serão os modelos a serem alcançados no campo cultural e filosófico, como será também o ideal do humano a ser alcançado” (Zea, 2010, p. 19) e de forma clara quanto à continuidade dominadora diz “primeiro sob a Espanha, depois sob as poderosas nações da Europa Ocidental e, posteriormente, sob a nação que fora a sua herdeira, Estados Unidos da América” (Zea, 2010, p. 31).

mesmo tempo em que faz o programa que caracterizará a chamada modernidade, uma ordem formada por homens livres e iguais entre si. O filósofo francês surge no momento decisivo em que a Europa passa do autoritarismo, avalizado pela Igreja, à ordem que será criada pelo próprio indivíduo a partir de sua consciência, sua razão, acima de qualquer autoridade externa (Zea, 1990, p. 198).

A razão passa a ser a própria prova da existência do Homem, “algo que transcende as brutais diferenças, algo firme, seguro, que ninguém possa pôr em dúvida e discutir” (Zea, 1990, p. 198), o que Dussel corrobora ao afirmar que o “Ego Cogito que será justificador de muitas atrocidades” (Dussel, 2005, p. 47), será o limite demarcador entre o Homem e o resto do mundo. O Homem (europeu) passa a ter consciência de si, como ser individual e modelo de Homem Moderno.

Esse Homem eurocêntrico¹⁰, modelo de Homem, se arroga possuidor da consciência de si e do mundo que o rodeia, pois, segundo Zea, “a partir do seu reconhecimento racional, afirma sua existência, e, com ela, o mundo em sua volta e sobre o qual deverá atuar” (Zea, 1990, p. 198). Esse modelo é tão forte e abarcador que será também o ponto de partida para o próprio “contradiscurso” pois, segundo Dussel:

a própria periferia, para criticar a Europa, dever-se-ia europeizar, porque deveria usar um *contradiscurso* europeu para mostrar a Europa a sua contradição, sem poder, mais uma vez, trazer nada de novo, devendo negar-se a si mesmo (Dussel, 2007, p. 71).

Nas palavras de Fanon, com quem Zea dialoga ao longo de suas obras, “é o colono que fez e continua a fazer o colonizador” (Fanon, 1968, p. 26). Em outras palavras, nessa curta citação Fanon denuncia a existência de uma aceitação desta condição de europeização, para nós, ao mesmo tempo em que a condição subserviente, serviçal acontece. Isso nos traz a imagem dos escravos com o ‘privilegio’ de estarem na casa grande, vestidos com roupas ‘melhores’, dadas pelos senhores, mas ainda na condição de escravos, o que a nós causa incômodo. O convite que o pensador martinicano nos faz é o de descolonização, pois

a descolonização jamais passa despercebida porque atinge o ser, modifica fundamentalmente o ser, transforma espectadores sobrecarregados de inessencialidade em atores privilegiados, colhidos de modo quase grandioso pela roda vida da história (Fanon, 1968, p. 26).

Sartre, no prefácio da obra de Fanon, disse que o processo colonizador “não tem somente o objetivo de garantir o respeito desses homens subjugados; procura desumanizá-lo” (Fanon,

¹⁰ Para Dussel “o eurocentrismo consiste exatamente em constituir como *universalidade abstrata humana em geral* momentos da particularidade europeia, a primeira particularidade *de fato* mundial (quer dizer, a primeira particularidade humana concreta). A cultura, a civilização a filosofia, a subjetividade, etc. *moderno-européias* foram tomadas como cultura, a civilização, a filosofia, a subjetividade, etc. *sem mais* (humano-universal abstrato)”. (Dussel, 2007, p. 69).

1968, p. 9), o que Fanon chama de “homem coisa”, que pode se libertar, tornando-se “homem novo”¹¹.

No contexto que estamos trabalhando é na tomada de consciência histórica que poderemos responder ao ser humano cêntrico, não como diferentes, mas como análogos. Nas palavras de Zea será “a partir da tomada de consciência que iniciará a libertação” (1978, p. 165).

Na obra *El pensamiento latinoamericano*¹², em sua reedição de 1976, onde é acrescentada uma terceira parte acerca do pensamento latino-americano do final do século XIX e início do XX, Zea afirma a existência de três etapas do pensamento latino americano quando diz que:

A primeira etapa desse pensamento, a dos românticos, a dos negadores do passado histórico como expressão da dominação ibérica, a dos ‘emancipadores mentais’¹³, dispostos a extirpar de si o passado e a impor-se o modelo de um futuro que, por ser estranho, vai se transformar em uma nova justaposição dominante. A segunda etapa, a dos construtores da nova ordem, inspirados no positivismo, procurando fazer de seus povos cópias, infelizmente apenas cópias, de formas de uma ordem estranha à nossa realidade. A terceira etapa, a que agora agregamos a essa história, a história contemporânea do nosso pensamento, torna-se a antítese do pensamento filosófico do século XIX. Um pensamento consciente dos erros cometidos por seus antecessores tentando realizar algo estranho ao que deve ser potencializado, a própria realidade (Zea, 1976, p. 8-9).

Zea afirma que o processo inicial foi de negação de si e, dessa forma, da história que o constituiu, passando por outro momento em que não existe a negação, mas a busca por uma continuidade como cópia, o que chamaria de *más cópias*, até chegar à etapa atual, em que o pensamento traz a consciência dos erros do passado, de seus antecessores, e conduzirá a um pensar autêntico, partindo da própria circunstância, a realidade latino-americana. Essa tomada

¹¹ Fanon fala em sua obra do processo de descolonização do “homem-coisa” que ao se libertar forma o “homem novo”, um tema longamente tratado por Zea, mas que, para nosso objetivo, não cabe nessa discussão. Importa-nos aqui a relação desigual que Fanon denuncia em seu texto e as consequências dessa relação no ser humano.

¹² Esta obra teve sua primeira edição publicada em 1949 sob o título *El pensamiento hispanoamericano*, sendo ampliada em 1965, onde foi acrescida uma parte sobre o pensamento brasileiro, tendo o título trocado para *El pensamiento latino-americano*, momento em que Zea abarca toda a América Latina em seu pensamento, observando uma circunstância peculiar em toda história dessa região, independente da língua, a saber, a dependência e dominação.

¹³ Santos nos explica que os “emancipadores mentais, na concepção de Zea, eram os pensadores hispano-americanos do pós-independência que buscaram outra emancipação que não só política. Propunham uma emancipação da mente, dos valores, das ideias, dos costumes, dos hábitos, de tudo que representava o período colonial (Santos, 2016, p. 150). De acordo com Zea, eram “uma geração de românticos [que], por seus ideais, começou a luta por essa nova emancipação. A essa geração pertencem os argentinos Esteban Echeverría, Domingo Faustino Sarmiento e Juan Bautista Alberdi; o venezuelano Andrés Bello; o equatoriano Juan Montalvo (1833–1889); o peruano Manuel González Prada; os chilenos Francisco Bilbao e José Victorino Lastarria; o cubano José de la Luz y Caballero; o mexicano José María Luis Mora e os paladinos da reforma e outros mais nos vários países hispano-americanos.” (Zea, 1976, p. 94).

de consciência, antítese das etapas anteriores, supera a negação do passado ibérico e de si, que por meio da tomada de consciência histórica conduz à autoafirmação latino-americana.

Para o filósofo mexicano, a superação do plano colonial, e, com este, o projeto de criação de um ser humano nos moldes do opressor, passa por uma negação. Não uma negação dialética em sentido hegeliano, a qual até resultaria em superação, mas por uma negação que sempre busca pelo recomeço, um começar do zero. Para Zea, isso poderia ser evitado com a tomada de consciência. Sobre esse “começar do zero” Zea nos diz:

Não se busca o que Hegel resumia com a palavra *Aufhebung*, isto é, a absorção, a assimilação do passado para que o mesmo não volte a acontecer. Pretende-se, ainda que inutilmente, seu cancelamento total, como se nunca tivesse existido. Pretende-se um esquecimento total do passado, o que implicará, por sua vez, a pretensão de se iniciar uma nova história a partir do zero. Isto é zero de experiência. O que se pretende, nada mais, nada menos, é o cancelamento da experiência que na Europa deu origem ao seu extraordinário desenvolvimento. Nega-se a experiência que permitiu o movimento dialético da história europeia. [...] um tremendo esforço, ainda que inútil, de desfazer-se do próprio passado para refazer-se segundo um presente estranho. Isto é, viver de acordo com o presente de outros povos e de outros homens resulta no não ser dos povos e dos humanos desta América (Zea, 1978, p. 165).

O ser humano latino-americano está inserido em um círculo vicioso, sempre em busca de um viver autêntico, mas praticando o mesmo vício de não olhar sua realidade, sua circunstância, sua história. Forja uma existência inautêntica, sempre recomeçando sem a busca do passado, este que faz parte de sua construção e, ao negá-lo, nega também sua existência. Acerca desta busca inautêntica Zea elucida:

Pretender ser o que não somos, manter-nos nesse ‘*não ser sempre ainda*’ de que fala Mays Vallenilla, partir uma e outra vez do zero para estar em dia, forma nossa alienação; seria o que Augusto Salazar Bondy chama de existir inautêntico. Isto é, ocultação consciente ou inconsciente de nosso verdadeiro ser, pretender ser o que não somos. [...] Ou seja, vivemos alienados a respeito da própria realidade que se oferece como instância defectiva, com carências múltiplas, sem integração e, por isso, sem vigor espiritual (Zea, 2010, p. 109, grifos do Autor).

O filósofo mexicano nos alerta quanto a uma construção inautêntica do ser humano, que uma vez mais busca no modelo ocidental seu ser, sua resposta, deixando de lado sua própria circunstância, realidade, tudo o que contribuiu para este construto que é o ser humano dessa América, não-ocidental¹⁴, e, por isso mesmo, parte dele. Nessa realidade histórica temos a visão ocidental que deverá ser abarcada e fará parte dessa realidade ampliada. Zea mostra ainda que este constante retorno ao zero absoluto só atrasa o processo de construção histórica, alienando

¹⁴ Refere-se a todos os países que não fazem parte do arquétipo de civilização moderna, o que Zea chama de Ocidental: Europa e Estados Unidos da América.

o ser humano que se busca, mas nega a história.

Na direção da construção do pensamento latino-americano, por meio da tomada de consciência histórica, Zea apresenta o que chamou de projeto assuntivo que:

tem como ponto de partida a própria realidade, por mais negativa que possa parecer, para tratar de construir, sobre ela e com ela, o mundo que se anseia. [...] Isto é absorção, assunção da própria realidade. E dentro da realidade, a história e o passado. Assumir o todo para superá-lo; negá-lo sim, mas dialeticamente. [...] O projeto assuntivo pretende ir além da própria realidade, mas partindo e contando com ela, cavalgando sobre seu conhecimento e sua experiência (Zea, 1978, p. 270).

O projeto assuntivo refutava a negação de si, o começar do zero, buscando a valorização dos elementos da realidade latino-americana, tomando a afirmação da necessidade da tomada de consciência histórica, passam pela valorização das heranças negras, indígenas, ibéricas e também dos valores ocidentais, sendo que, para este último, implica na “superação da síndrome da conquista”¹⁵ (Galeana, 2003, p. 32), sendo esses elementos formadores da circunstância latino-americana. A tomada de consciência desta circunstância conduzirá ao processo de libertação. Trata-se da superação do passado pela assimilação, como sintetizado por Santos:

De um modo geral, era pela negação assimilativa do projeto identitário dos civilizadores e dos positivistas, como também pela afirmação dos projetos da geração *assuntiva*, que Zea construía seu projeto identitário, preconizando uma identidade para a América Latina. De acordo com o filósofo mexicano, a identidade do povo dessa América havia se formado e se desenvolvido na relação histórica de dominação ibérica, de imposição neocolonial ocidental aceita e requerida, bem como na busca de libertação cultural desalienante. A tomada de consciência desse processo era a melhor maneira de assimilá-lo para, assim, viabilizar a afirmação da identidade latino-americana (Santos, 2016, p.168).

A tomada de consciência, que conduz à assimilação e superação, se dá na convivência e, para Zea o ser humano é convivência. Assim, o ser humano participa da tomada de consciência. O outro o fará tomar consciência de sua circunstância, se reconhecendo e reconstruindo a si e sua circunstância. Para que esta convivência seja plena e possibilite a tomada de consciência, é necessário que a realidade que partilham faça sentido, e somente por meio da linguagem que o ser humano consegue este feito, sendo ele o “único que pode dar sentido a tudo que está ao seu redor [...] fazendo do caos um cosmos” (Zea, 1972, p. 59). Segundo Gaos, mestre de Zea, “mediante a expressão linguística que nossa convivência e vida

¹⁵ Galeana trará a imagem da “mãe violada”, imagem sempre visitada quando tratada da nossa origem histórica e do “pai conquistador”, o que teríamos de herança europeia que, pela história de violência contra a mãe violada, renegamos. “O imaginário coletivo tem assumido, compreensivamente, a defesa da mãe violada e renegado o pai conquistador, e que fale sua língua. Tal sentimento levou a renegar não somente a cultura novo-hispânica, mas também toda raiz ocidental.” (Galeana, 2003, p. 32). A superação dessa negação conduzirá à tomada de consciência, haja vista que este é parte de nossa herança histórica.

não são meras *convivência e vida*, são convivência e vida humana” (Gaos, 1965, p. 54, grifos do Autor).

A tomada de consciência, por ser convivência, se dá pelo conhecimento dos outros seres humanos e com os outros seres humanos, ou seja, é um processo de aquisição de saber que, por isso mesmo, é complexo, difícil e infinito. Parte dessa dificuldade reside na própria cumplicidade, pois existe uma tendência à imposição de nossa existência, ao contrário de recebê-la de outrem. Conforme Zea:

Porém, por ser a consciência algo próprio do humano, a tomada de consciência é uma das tarefas mais difíceis para o ser humano. Ter consciência, tomar consciência, é algo permanente ao ser humano, tarefa infinita porque nunca se alcança plenamente. Mediante a tomada de consciência, cada um de nós, como ser humano, nos faremos cúmplice da existência dos outros, ou fazer desses, cúmplices de sua própria existência. Pois é essa complexidade que implica as maiores dificuldades, já que sempre nos sentimos mais tentados a impor nossa existência que a receber a dos demais (Zea, 1972, p. 58)

Nesse ponto, em que Zea cita a imposição de uma existência, temos a visão de um tema caro à sua filosofia: a dominação, que se dá na política, na economia, na religião, na cultura, na epistemologia. Conforme já apresentamos, parte do europeu, consciente de seu ser — e depois o norte-americano, que também toma consciência, sendo herdeiro da Europa — manter a dominação, igualando-se ao ocidental que domina o não-ocidental. Essa visão de Zea acerca da imposição de uma existência sobre outra esclarece a expansão dos povos europeus, o arquétipo de humanidade que criaram, partindo da tomada de consciência de sua realidade, fez com que buscassem impor esse modelo ideal a outros povos.

A proposta zeana parte da tomada de consciência desse modelo de dominação, procedendo da própria realidade de dominado, o que conduzirá os povos dominados, todos que vivem nessa circunstância, à tomada de consciência e consequente libertação. Nesse ponto observamos a influência orteguiana, pois sua afirmação é a de que “eu sou eu e minha circunstância, *se não salvo a ela, não me salvo a mim*” (Ortega y Gasset, 1984, p. 23 — grifos nosso), sendo a negação dessa circunstância, de dominado, a condução para sua antítese dialética, a libertação. Segundo Fernandez,

o desenvolvimento histórico é visto, assim, como progresso dialético da consciência, manifestado através de sucessivas negações e afirmações do caráter humano, de diferentes seres humanos e povos. A consciência de alguns seres humanos, ao impor-se sobre outros, dominando-os, negando-lhes a humanidade, coisificando-os, gera, por sua vez, a tomada de consciência da própria humanidade daqueles aos quais quiseram negá-la (Fernandez, 2004, p. 69).

Tomar consciência é conhecer os motivos que levam o ser humano a enfrentar sua

circunstância, identificando uma série de situações e feitos, expressões próprias desse humano. Da mesma forma que cada feito possui um sentido o que para Zea quer dizer “compreender, desde este ponto de vista, é ter a capacidade para colocar um determinado feito em um lugar preciso que lhe corresponde no presente” (Zea, 1972, p. 14). Isso demonstra que a tomada de consciência histórica refere-se à realidade histórica, não sendo um passado sem vínculos com o presente, que mantém uma estreita relação. Como escreveu Zea, “compreender o passado é compreender também o presente” (Zea, 1972, p. 14). A compreensão do passado permite uma ação no presente, sem amarras.

Nessa relação passado-presente, o presente influencia o conhecimento do passado, pois os já mencionados ‘complexos’, de inferioridade, de filho da mãe violada etc., além do desprezo pelo o que lhe é próprio, tem impedido que o americano conheça sua própria realidade. É necessário “tomar conhecimento de nosso passado, com o fim de assimilá-lo de forma tal que não chegue a representar uma ameaça para nosso futuro” (Zea, 1972, p. 15). Dessa forma, a tomada de consciência está intimamente ligada à tríplice dimensão temporal humana (passado-presente-futuro), sendo que isso só é possível porque a história possui uma lógica, sentido, que relaciona esses três momentos. O passado é projetado no presente que, conforme aconteça, será futuro. Essa lógica, por simples que possa parecer, garante a compreensão do presente e a construção do futuro.

Zea dedicou-se ao estudo do passado de sua realidade, sendo a América Latina o objeto de suas preocupações centrais e, dentro da imensa possibilidade histórica latino-americana, foi a história das ideias a que será patente em suas pesquisas. Segundo Fernandez, “é a história das ideias que será patente, segundo nosso pensador [Zea], o espírito, a ideia central dessa região. E, captar essa ideia central significa, precisamente, lograr a tomada de consciência que temos descrito: encontrar o sentido da história” (Fernandez, 2004, p. 15).

Nesse processo de investigação, é a consciência da dependência a ideia que mais caracteriza a história das ideias latino-americanas. A dependência é a relação que existe no conjunto dessa região, durante toda a história passada e presente.

Por ser a realidade de dependência o que há de mais comum na América Latina, não é de se estranhar o fato de que a tomada de consciência seja fundamental para essa região, o que nosso autor expressa de forma reiterada em sua obra, em sua leitura da história das ideias, “história cujo fio condutor oferece a consciência da dependência que se quer superar, assim como a forma de realizar tal superação. Tal é a consciência que se faz expressa no que se designou como filosofia latino-americana” (Zea, 1978, p.17).

A necessidade de uma filosofia que considere a circunstância, uma filosofia

circunstancial, reside na condição para se superar contradições em uma história da filosofia que desconsidera o ser humano, o formador das ideias e da filosofia, como resposta à suas circunstâncias, social, pessoal e humana, não havendo, dessa forma, a possibilidade dissociativa entre ser humano e circunstância. “Ter consciência, tomar consciência, é tarefa humana permanente. Trata-se de tornarmo-nos cúmplices da nossa existência” (Zea, 1952, p. 192). Dessa feita, a própria circunstância exige do ser humano concreto, agente na realidade, um compromisso com esta circunstância, impondo-lhe invariavelmente a toma da de consciência.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos esse artigo afirmando a posição zeana de tomar a categoria *circunstância*, de Ortega y Gasset, como um elemento fundante de sua própria filosofia. Longe de significar relativismo, mostramos que circunstancialidade é condição *sine qua non* ao ser humano, à sua existência e à existência de todas as suas criações, dentre elas, a filosofia. Toda filosofia é produzida em uma determinada circunstância, sendo essa a universalidade que a caracteriza. Mas, mais do que isso, toda filosofia, ao ser produzida em uma circunstância, constitui-se como parte da própria circunstância, transformando-a. Trata-se aqui de compreender que a circunstância não é apenas um ‘palco’ em que a filosofia se produz. Há uma relação simbiótica entre circunstância e filosofia, de modo que, ao se produzir filosofia, coloca-se automaticamente em transformação a própria circunstância. Claro que o impacto que essa produção filosófica gerará na circunstância depende da força, da abrangência da própria filosofia produzida – uma filosofia que seja apenas *má cópia* de outros pensamentos gerará pouco ou nenhum impacto real. Mas a relação simbiótica está dada.

É essa própria capacidade de transformação das circunstâncias que fundamenta a compreensão do que chamamos, na introdução desse artigo, de uma antropologia filosófica zeana: sabemos que o ser humano é invariavelmente parte da circunstância; e sabemos que a circunstância invariavelmente sofre transformações. Portanto, o ser humano é essencialmente um ser mutável. Como ser no mundo, como ser concreto, carnal e vivente – o único ser humano possível – ele é, necessariamente, um ser mutável. Contra um arquétipo eurocêntrico – Ocidental, como qualifica Zea – de ser humano padrão ou ideal, há os seres humanos existentes, concretos. As pessoas, como as únicas que carregam qualquer noção de humanidade. Ora, se não há uma ideia arquetípica de ser humano, a não ser a partir das próprias pessoas humanas, resta compreendido que as pessoas são mutáveis e que a concepção de ser humana também o é. Toda ideia de ser humano é circunstancial e, portanto, sua verdade terá validade dentro de cada circunstância. E se alterará na medida em que mudamos a própria circunstância.

Em um continente cuja circunstância é de dominação e opressão históricas, da condição de mutabilidade surge a possibilidade de libertação, o que só pode ocorrer com a tomada de consciência. Compreender nossa circunstância é compreender um processo de violência. Compreender a circunstância de violência histórica é compreender-se – compreendermo-nos – como seres humanos historicamente violentados. No passado e no presente. Se, com Ortega, entendemos que nós e nossa circunstância somos uma única e mesma coisa, compreender a violência imposta à nossa circunstância é também tomar consciência da violência por nós sofrida. Tomamos consciência da nossa constituição violentada no passado, que gerou os seres que somos na circunstância presente, como parte do processo de libertação da circunstância e das pessoas no futuro que queremos construir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTMANN, Werner. O latino-americanismo universal de Leopoldo Zea. In: SALADINO, Alberto; SANTANA, Adalberto (Orgs.) *Vision de America Latina: Homenaje a Leopoldo Zea*. 1 ed. Mexico: Fondo de cultura Económica, 2003.

DUSSEL, Enrique. *Filosofia da Libertação: Crítica à ideologia da exclusão*. 3 ed. São Paulo: Paulus, 2005.

DUSSEL, Enrique. *Ética da Libertação: na idade da globalização e da exclusão*. 3 ed. São Paulo: Vozes, 2007.

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. 1 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

FERNANDEZ, Francisco L. *Leopoldo Zea: una filosofía de la historia*. 2 ed. Ciudad de Mexico: Universidad Autónoma del Estado del Mexico, 2004.

GALEANA, Patrícia. La asuncion de la historia em la obra de Leopoldo Zea. In: SALADINO, Alberto; SANTANA, Adalberto (Orgs.), *Vision de America Latina: Homenaje a Leopoldo Zea*. 1 ed. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 2003.

GAOS, Jose. *Del Hombre*. 1 ed. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1965.

MARCONDES, Ofélia M. *Leopoldo Zea e a contribuição de sua filosofia para a educação*. 2010. 137 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia da Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2010.

MEDIN, Tzvi. *Entre la jerarquia y la liberacion: Ortega y Gasset y Leopoldo Zea*. 1 ed. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1998.

NOVA, Ana Bertha. El humanismo del nuevo milênio. In: SALADINO, Alberto; SANTANA, Adalberto (Orgs.). *Vision de America Latina: Homenaje a Leopoldo Zea*. 1 ed. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 2003.

ORTEGA Y GASSET, José. *Meditaciones del Quijote*. Madrid: Ediciones Catedra S.A.,

1984.

PANSARELLI, Daniel. *Filosofia latino-americana a partir de Enrique Dussel*. 1ª ed. Santo André: Universidade Federal do ABC, 2013.

SANTOS, Luciano dos. *A identidade da América Latina: o projeto intelectual de Leopoldo Zea*. 1 ed. Goiânia: IFG, 2016.

ZEa, Leopoldo. *Ensayos sobre Filosofía en la Historia*. México: Editorial Stylo, 1948.

ZEa, Leopoldo. *Discurso desde la marginación y la barbarie*. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1990.

ZEa, Leopoldo. 1847 em la conciencia hispano-americana. *Cuadernos Americanos*, México, año XI, v. 5, nº 65, p. 26-45, set/out, 1997.

ZEa, Leopoldo. *El positivismo en Mexico: nacimiento, apogeo y decadencia*. Cidade do Mexico: Fondo de Cultura Económica, 2005.

ZEa, Leopoldo. *La filosofía americana como filosofía sin mas*. Mexico: Siglo XXI Editores, 2010.

ZEa, Leopoldo. *La filosofía como compromiso y otros ensayos*. México: Fondo de Cultura Económica, 1952.

ZEa, Leopoldo. *El pensamiento latinoamericano*. Barcelona: Editorial Ariel, 1976.

ZEa, Leopoldo. *La esencia de lo americano*. Buenos Aires: Editorial Pleamar, 1971.

ZEa, Leopoldo. *América como Conciencia*. 1 ed. Mexico: Ed.UNAM, 1972.

ZEa, Leopoldo. *Dependencia y liberación en la cultura latinoamericana*. Mexico: Mortiz, 1974.

ZEa, Leopoldo. *Filosofía de la historia americana*. 1 ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1978.